

*Meus caros amigos, colegas, companheiros de lutas.*

*É com grata satisfação e também com imensa responsabilidade que estamos abrindo mais um Congresso Nacional dos Auditores-Fiscais da Receita Federal.*

*Satisfação porque chegamos ao nosso décimo primeiro Congresso e, se permitirmos que uma brisa de nostalgia nos invada a alma e virarmos algumas páginas do nosso passado não mui distante, veremos que sempre estivemos não como espectadores, mas como atores de brilho ímpar nos momentos marcantes da história recente da nossa Nação. Foi assim já no chamado Conaf Zero, época em que construía-se a chamada Constituinte Cidadã, que acaba de sair de sua fase adolescente, ao completar 20 anos de existência. Naquela época, mais precisamente em fevereiro de 1989, nascia o Sindicato Nacional dos Auditores-Fiscais, que realizaria o seu primeiro Congresso Nacional em junho daquele mesmo ano, cujo tema era “A Valorização do AFTN pela sua Organização Sindical”. De lá para cá, muitos desafios enfrentamos altivamente. Vencemos a era Collor, construimos um sindicato ainda mais forte a partir de 1995, através da união com a Unafisco Associação, atravessamos o período FHC, os chamados anos de ouro do neoliberalismo, e as diversas tentativas de sucateamento da Receita Federal, seja pelas ameaças de autarquização ou pelo enfraquecimento ou usurpação de atribuições dos Auditores-Fiscais. Nesse ínterim, nossos congressos sempre tiveram temas da maior oportunidade: “Cidadania, Ética e Trabalho na Globalização da*

*Economia” em 95, “Autonomia Administrativa e Financeira da Receita Federal” em 97, “Justiça Fiscal” em 98, “A Refundação Institucional da SRF” em 2000, “Justiça Tributária” em 2002, “Tributação Justa e Ética” em 2004 e “O Papel do Auditor no Financiamento do Estado” em 2006. O tema escolhido para o congresso deste ano – “Aduana no Brasil, 200 anos – A importância do Auditor-Fiscal da Receita Federal do Brasil no cenário globalizado” – enseja duas profundas reflexões. A primeira, de conotação histórica, sobre o que de fato estamos a comemorar nesse bicentenário. Embora os portos brasileiros já existissem há muito, foi somente a partir de 1808, com a vinda da corte portuguesa, que o caráter alfandegário passou a vigorar, qualificando a aduana como a primeira instituição de um futuro estado soberano. Essa análise será esmiuçada nas palestras e no painel que teremos amanhã pela manhã e denota a importância do trabalho desenvolvido pelos aduaneiros na própria manutenção da soberania nacional. A segunda reflexão relacionada ao nosso tema deste ano diz respeito ao papel do auditor em um cenário global cada vez mais interligado, não apenas comercialmente, mas também no que concerne à circulação do capital, aos regimes tributários e à competição entre mercados, estados e países. Num mundo em que o capital financeiro internacional tenta adquirir, inclusive, um caráter de regrador normativo do sistema legal e tributário de muitas nações, é fundamental que os Auditores-Fiscais assumam seu papel inalienável de autoridades de Estado, combatendo o desvario especulativo, as*

*fraudes financeiras, a sonegação, a lavagem de dinheiro, o contrabando e descaminho, a pirataria e o tráfico internacional. Mais do que nunca, é necessário que tenhamos consciência de nossas obrigações perante à sociedade, inclusive na formulação de políticas tributárias mais equânimes e menos onerosas para as camadas mais sofridas do povo brasileiro. Dois painéis abordarão essa questão. Na terça-feira à tarde, debateremos a interação entre uma lei orgânica das autoridades fiscais e uma administração tributária autônoma e independente; na quarta-feira pela manhã, discutiremos o sistema tributário brasileiro e o que podemos esperar da reforma que está novamente em pauta.*

*Todavia, senhoras e senhores, a satisfação de podermos contribuir para todos esses temas traz consigo, também, uma grande responsabilidade. Primeiro, porque esperamos seja este o último congresso que realizamos antes da unificação da nossa representação sindical, hoje dividida. Estamos convictos de que, embora haja resistências a serem vencidas, é preciso doarmos nossos esforços para que novamente, assim como foi no passado recente, venhamos a construir uma entidade que represente de forma una, coesa e forte todos os Auditores-Fiscais. Apesar de existirem aqueles que vivem da política, preferimos viver para a política, razão pela qual nosso compromisso com a unificação é inabalável. A forma e as bases que alicerçarão esse nosso novo sindicato serão discutidas no painel de segunda-feira à tarde, porém alguns princípios são inarredáveis. Nossa*

*representação deverá basear-se na democracia interna, na independência em relação aos governos e à administração, na autonomia em relação aos partidos políticos, na combatividade na defesa dos interesses da classe, na defesa do Estado e do interesse público, na defesa da previdência social pública e estatal, na defesa da justiça tributária e fiscal e na defesa da aduana como instrumento de proteção à sociedade.*

*O segundo motivo que nos aguça a responsabilidade é a mudança estrutural que ocorre em nosso órgão. Após longo período, estamos vislumbrando uma pequena faísca de transformação. Companheiros nossos, sindicalistas, estão sendo conduzidos a cargos de administração em nossa casa. É inegável que isso reacendeu a esperança em nossos corações. Esperança de que uma nova Receita esteja se edificando. Uma Receita em que sejam priorizados os valores humanos, em que sejam reconhecidas as competências, técnicas e legais, cujo objetivo maior não seja a arrecadação fácil, mas a tributação justa; uma Receita cidadã, tal qual nossa Constituinte de 88! Para que essa fagulha se torne uma chama, daquelas olímpicas, que jamais se apagam, é essencial o engajamento e a colaboração mútua entre administração e a categoria, através de suas representações. Faz-se necessária uma faxina no lixo normativo que impede o exercício pleno das atribuições dos auditores-fiscais, mas, sobretudo, é prioritária a preservação da autonomia e da independência da instituição. O Unafisco estará sempre pronto a*

*contribuir, sem abrir mão de sua atuação independente, pois a única luta que se perde é aquela que se abandona.*

*Parafraseando Lênin, poderia continuar discorrendo sobre esse assunto por horas, mas temos uma revolução a fazer. Essa nossa revolução não é com armas, mas está no coração de cada um de nós: construir um órgão de excelência, com atuação baseada na moralidade, na transparência, na eficiência e na legalidade, cujo objetivo maior seja sempre o cidadão.*

*Gostaria, pois, de terminar com um poema português, de Fernando Pessoa:*

*De tudo ficam três coisas:*

*A certeza de que estamos sempre começando...*

*A certeza de que precisamos continuar...*

*A certeza de que seremos interrompidos antes de terminar...*

*Portanto, devemos:*

*Fazer da interrupção um caminho novo...*

*Da queda, um passo de dança...*

*Do medo, uma escada...*

*Do sonho, uma ponte...*

*Da procura, um encontro...*

*Espero, sinceramente, que encontremos nosso caminho nessa longa estrada da construção de uma sociedade mais justa.*

*Bem vindos ao XI CONAF!*